

## **MÁRCIA CASTRO – Cantora**

Cantora formada pela Escola de Música da UFBA, possui dois discos, *Pecadinho* (2007) e *Pés no Chão* (2011), o último lançado através do Natura Musical. Em 2011 criou o projeto “Pipoca Moderna”. Em março de 2008 fixou residência em São Paulo.

### **1. Quem é Márcia Castro?**

Uma cantora baiana, uma pessoa cheia de otimismo, guerreira, na vida, no trabalho, em tudo.

### **2. O que você entende por cultura?**

Há várias definições de cultura, diversas abordagens. Uma é a cultura como todo arsenal de construção histórica e política de um povo. A identidade de um povo, as manifestações artísticas, humanas, tudo isso condensa o que a gente chama de cultura.

### **3. Como você avalia as políticas culturais e o mercado cultural na Bahia nos últimos anos? O que você pensa sobre os editais e as leis de incentivo como mecanismos de financiamento da cultura?**

Eu penso que a Bahia nos últimos oito anos conseguiu muitos avanços em relação às políticas públicas de cultura. Nesse período foram implementadas ações importantes para todo setor cultural, como os editais públicos. Houve também estímulo a empresas para que patrocinassem projetos culturais baianos, a partir de programas como o Fazcultura. Nos últimos oito anos essas políticas se tornaram mais consistentes, trouxeram mais resultados, resultados efetivos para quem produz arte. Acho que isso foi um dos grandes avanços conquistados na Bahia, porque antigamente a verba ficava ali flutuante e quem ganhava essa verba eram as pessoas que estavam mais próximas daqueles que decidiam. Era a famosa “política do balcão”, acredito que a implementação dos editais trouxe uma transparência maior com relação à saída desse dinheiro, uma organização maior com relação ao investimento, quanto por cento vai ser investido, em quais locais, em todo estado. Penso que isso foi importante para organização do sistema do aparelho cultural e, também, para expansão desse trabalho, para o fomento da própria indústria cultural baiana, para a indústria cultural baiana independente. Digo independente de ações de grandes empresas, independente de pontos midiáticos, comerciais, entendo que é o setor que mais precisa. Por exemplo: meu primeiro disco saiu através de programa de incentivo à cultura, o Fazcultura, via Braskem. O prêmio Braskem para mim foi muito importante, pois me projetou para um lugar importante hoje dentro da música brasileira e baiana. São caminhos que vão te levando. Assim como eu, tem diversos artistas que conseguiram conquistar espaços importantes a partir desses mecanismos.

### **4. Qual o papel da iniciativa privada no financiamento à cultura?**

O investimento privado é importantíssimo, mesmo que via incentivo público. As empresas que têm programas de financiamento à cultura obviamente tem seus interesses comerciais e isso de algum modo já está vinculado ao financiamento. Mas fica uma questão a ser debatida:

[www.producaoculturalba.net](http://www.producaoculturalba.net)

algumas pessoas acreditam que é o governo que deve procurar as empresas e determinar onde essas empresas vão investir seu dinheiro, mas até que ponto as empresas vão querer fazer esse investimento? Porque tem toda a questão de imagem da empresa, aí é uma questão, um impasse que existe com relação a isso. De modo geral acredito que o saldo ainda é positivo, principalmente com relação a programas de incentivo como o Natura Musical, que incentiva a música independente em diversos estados do Brasil e deu visibilidade ao trabalho de inúmeros artistas. Então acredito que a existência desses programas é muito importante hoje para música, se faz muito importante.

##### **5. Qual a sua avaliação sobre a produção artístico-cultural da Bahia nos últimos anos?**

A gente está muito bem. Nos últimos anos começamos não só a ver novos trabalhos serem desenvolvidos, como também trabalhos que já estavam sendo desenvolvidos a ganharam uma repercussão maior. Há nomes fortes da música baiana sendo lançados para o mercado nacional como Letieres Leite & Orkestra Rumpilezz, Baiana System, Lucas Santtana e meu próprio trabalho também. Temos produções em vários segmentos da música, desde o rock à música erudita, o pop, a MPB, o samba, temos também a Orquestra Neojibá e uma série de segmentos da produção musical, muito importantes e representativos, bem feitos e bem produzidos. O que eu percebo, de um modo geral, num olhar superficial é que a produção existe, as pessoas criam, a produção baiana é muito criativa, a gente tem volume de produção interessante, o que falta é subsídio para que isso possa ter uma maior profissionalização, uma remuneração digna. Mas precisamos melhorar a estrutura do acontecimento das coisas.

##### **6. O que e/ou quem você destacaria em termos de gestão cultural na Bahia e por quê?**

O que acompanhei e estava próxima foi a gestão da Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB, na qual estavam ali pessoas como Gica Nussbaumer e Gilberto Monte, esse último fazendo a coordenação do setor de música. Eu vi muitos avanços conquistados por essas pessoas. Era uma turma de muito amor, que estava envolvida com os projetos e essa política dos editais. Tudo isso que a gente falou ganhou uma dimensão, uma consistência muito interessante na gestão dessas pessoas. Programas importantes também vieram para cá nesse período, como o Conexão Vivo, o Natura Musical. Hoje eu vejo a Diretoria de Audiovisual - DIMAS sendo gerida pelo Marcone Dourado, que é um artista que tem uma visão, um sentimento de quem produz a arte. Acredito que estamos em um momento de reestruturação de várias coisas, inclusive dos projetos, temos o Jazz no MAM, que talvez seja um dos projetos mais interessantes de Salvador pela sua sustentabilidade. Sendo independente, é um projeto que não teve subsídio desde o início, mas que se mantém, as pessoas conseguem na raça, na força de vontade manter aquela história ali.

##### **7. Como você percebe a questão da profissionalização na área cultural? Quais as principais necessidades do mercado baiano hoje?**

As pessoas começam a trabalhar com cultura porque gostam, não porque são profissionais da área, porque gosta de arte e aí começa a produzir, tem um amigo que faz alguma coisa, aí fala: “vou te ajudar”, e começa. Você tem um mercado informal aí muito grande. Há uma carência muito forte de pessoas que entendam tanto de administração quanto de cultura para fazer uma gestão que seja uma gestão com público, uma gestão de carreira ou uma gestão de espaço. É difícil dominar essa parte técnica de administração, saber de contabilidade, números, para poder otimizar os recursos, fazer com que aquele aspecto que gera um recurso possa gerar quatro, cinco ou seis vezes mais. Acredito que estamos no caminho, e isso inclusive é demonstrado pelo surgimento dos cursos profissionalizantes, faculdades e universidades. Vamos começar a ver os frutos dessa demanda por uma profissionalização agora.

#### **8. Como você avalia os espaços culturais (ou para a cultura) na Bahia? Quais as principais carências?**

Carecemos muito de espaços culturais, por exemplo, de música. Dá para contar nos dedos quais são os espaços que a gente pode fazer um show. Teatro Castro Alves, Concha Acústica... Eu fiz agora um projeto no Clube Fantoques, mas não é um espaço necessariamente para música, mas um espaço que tem que se fazer malabarismos para as coisas acontecerem. Tem o Museu do Ritmo, qual mais? Bahia Café Hall, Cais Dourado? Eu nem sei como o Cais Dourado funciona, que dizer, são muito poucos espaços para quantidade de música produzida aqui. É incrível, se ganhou muito dinheiro vendendo música baiana, mas a cidade não se equipou. Não temos espaços culturais, não se investe em casas de shows ou pelo menos bares que tenham estruturas de show adequadas, com um tratamento acústico, com um bom som. É algo que tem que ser pensado. Agora, por exemplo, que a Concha Acústica vai entrar em reforma se estabelece um pânico na cidade: quais vão ser os espaços onde vão acontecer os grandes shows? É uma coisa preocupante. Acho que a carência mesmo é a quantidade de espaços, fora a carência de estruturas como falei.

#### **9. O que você pensa sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais? E quanto à política da meia-entrada?**

Olha, a gratuidade ao acesso dos bens culturais depende muito sobre quais aspectos e de que produto cultural estamos falando. Se você for falar de internet e de música, aí você vai entrar naquela questão do valor do gratuito, do direito do autor. Acho que existe um impasse muito grande, como conseguir, enfim, equilibrar essa balança, para que as pessoas tenham acesso mas também o autor seja remunerado por isso? Esse é um dos grandes impasses hoje na música e a gente não chega, pelo menos eu não vi nenhuma solução que pudesse contemplar os dois lados. É fato, a internet está aí, as obras estão aí livres, quer a gente queira ou não, de modo legal ou ilegal. Quanto a essa política de meia entrada, acho que esse lance de falsificar meia entrada é lastimável, não pela meia entrada em si, não pelo valor do ingresso em si, mas pela cultura de um povo, e a gente crítica tanto as atitudes dos políticos, as atitudes de corrupção e acabamos por generalizar, pois achamos que isso faz parte da cultura de um

lugar. Por exemplo, eu fiz agora os shows do projeto Pipoca Moderna, nós tivemos 80% de bilheteria de meia-entrada e isso não existe! O público que estava ali não era 80% de estudante! É complicado, realmente, trabalhar com essa lógica. Até porque, se você considera essa lógica e aumenta o valor do ingresso várias pessoas que não têm meia entrada se sentem lesadas. Tomara que essas pessoas comecem a ter uma consciência maior de que isso é uma conduta, tem que haver respeito ao coletivo, a sociedade.

#### **10. Você acredita que o mercado da Bahia ainda está muito voltado para a indústria do Axé?**

Está, sem dúvida! O grande produto da música baiana é o Axé music, é o que se exporta, o que se vende, é o que vende os pacotes do carnaval. Então, por conta disso, existe aqui um fomento muito grande a esse mercado. E quem está na via independente tenta sobreviver de outros modos, tenta aos poucos quebrar essa sociedade opressiva do Axé music, que é uma realidade, e a gente tem que aprender a trabalhar com ela.

#### **11. Como você avalia a cena da música independente na Bahia e no Brasil?**

A música independente, tanto baiana quanto brasileira, ganhou uma grande visibilidade depois do advento da internet, através do uso do Youtube, *downloads* gratuitos, Facebook e Myspace. Todas essas ferramentas fizeram com que o nosso trabalho se propagasse de uma forma que seria impossível apenas com a venda física do disco. Essa divulgação cria uma demanda de público, que por sua vez, faz o mercado girar. Se eu fosse pensar em cinco anos atrás, nunca me imaginaria tocar, dentro deste circuito independente, em lugares como Curitiba, Londrina, Porto Alegre, entre outros. Hoje nos conseguimos ter acesso a esses lugares, por que nosso trabalho está na internet. Ela nos ajuda a criar um público, os produtores destes diversos locais vêm que existe público para determinados artistas e os levam para sua cidade. Claro que com cachês modestos, mas antes, independente de cachê, seria impossível pensar nisso. Acredito, sim, que o mercado independente vive um momento interessante. Cabe a nós artistas pensar no que fazer de agora em diante, se temos o desejo ou potencial para entrar no circuito mais comercial ou não, apesar de que muitos artistas que trabalham no circuito independente já conseguirem sobreviver do seu trabalho - o que já é um avanço imenso.

#### **12. Quais as principais diferenças entre o mercado cultural baiano e paulista?**

São Paulo é uma cidade que possui mais subsídios, conseqüentemente você acaba tendo mais projetos e espaços. O fluxo de artistas do Brasil inteiro por lá é bastante intenso e isso acaba fazendo com que projetos e encontros aconteçam com um volume muito maior. Por conta disso, aumenta-se a demanda de trabalho também. Lá você tem a sensação de que as coisas coexistem de modo mais harmonioso. Existe público para tudo. Você não precisa suar tanto a camisa. Na verdade a gente suava muito a camisa lá, trabalhamos muito, mas a resposta para tudo isso vem de um modo mais rápido. Aqui na Bahia, por conta da supremacia do Axé, para se chegar aos lugares e às pessoas é mais difícil. Embora eu acredite que essa lógica

está começando a se romper aos poucos. A grande diferença entre essas duas cidades no cenário musical é a questão financeira. São Paulo é uma cidade mais rica então tem possibilidade das coisas acontecerem.

### **13. Como você vê o carnaval de Salvador? E quanto aos trios independentes?**

Falar do carnaval de Salvador é sempre complexo. Neste último, por exemplo, eu e outras pessoas percebemos uma grande falência e desgaste. E perceber isso é bom, pois a partir daí começamos a vislumbrar uma retomada de um carnaval que existia antes e hoje não existe mais. Talvez, com essa crise a gente comece a repensar o carnaval baiano, pois existe hoje uma forte migração. Quem fica na cidade, no carnaval, são os turistas, em sua maioria. Eu ficaria horas aqui falando do carnaval, mas o que eu tenho observado nos últimos tempos é a necessidade de uma mudança extrema em sua lógica, até para que ele continue com o brilho que sempre teve. Quanto aos trios independentes, acredito, sim, que eles se tornarão uma característica do nosso carnaval, esse é o caminho. Obviamente que ainda é preciso equipar melhor esses trios, possibilitar sons e estruturas adequadas aos artistas. Penso que a mídia irá refleti-los em algum momento, caso a lógica existente mude. Claro que para uma festa que foi sempre glamorosa e midiática, a mudança tende a ser lenta, pois a mídia quer Ivete Sangalo, Claudia Leitte, enfim... todas as celebridades que circulam no carnaval. Isso é normal e já vem sendo alimentado durante muitos anos. Se a gente muda essa ordem e consegue colocar também Baiana System nesse meio, por exemplo, eu acho que já vai ser um avanço. E a partir desses avanços, vamos mudando esta lógica midiática e comercial.

### **14. Como você administra sua carreira?**

Os artistas da minha época aprenderam a gerir sua própria carreira. Somos de uma geração que aprendeu muito trabalhar para si e que não espera. Conhecemos as dificuldades do mercado, começamos a fazer música em um momento de quebra do modelo de mercado - o que para a gente foi muito bom. Antes ou você era *mainstream* ou não era nada. Hoje em dia, com o mercado independente, o artista tem que assumir várias funções: a do artista, produtor, estilista, designer, etc. Quando ele não está fazendo, está envolvido em todas as etapas de construção da sua carreira. Isso é positivo, porque você entende tudo que se passa, pode criar e potencializar seus conceitos de modo mais afetivo. Por outro lado, é ruim porque você acaba se desgastando muito quando poderia estar fazendo sua arte. Mas é uma realidade que nos é dada, e a gente tem que aprender a se movimentar a partir disso. Hoje tenho uma equipe muito bacana, afinada e que trabalha de um modo bastante sincronizado, isso é muito raro. Você tem que ter um pensamento de sociedade, quase, pois são muitas pessoas envolvidas em prol de um objetivo comum que é a carreira de um artista. E para lidar com o público, fama, ego, vaidade, enfim questões delicadas é preciso trabalhar com pessoas que tenham o máximo de afinidade para manter uma energia boa de trabalho.

### **15. Como você vê a produção cultural na Bahia? Existem bons produtores culturais?**

[www.producaoculturalba.net](http://www.producaoculturalba.net)

Existem excelentes produtores na Bahia, claro. Não posso citar nomes agora, mas, como todo mercado, temos profissionais bons e ruins. Por exemplo, temos o Axé music que deixou como legado a formação de diversos produtores, nesse sentido é um setor extremamente profissionalizado, com pessoas muito competentes trabalhando. Enfim, eles administram questões imensas de produção, só aí já dá para perceber como estamos bem servidos. No circuito independente é que precisamos um pouco mais de formação, por que geralmente neste setor é um amigo que admira a arte do outro e começam a trabalhar juntos, o que precisamos é de mais gestores e menos amigos. Na verdade, amigos gestores.

#### **16. Em relação à imprensa e a crítica musical na Bahia, o que pensa?**

Vivemos em um momento crítico da crítica e do jornalismo de um modo geral, não só na Bahia como em todo Brasil. Acredito que existem inúmeras razões para isso, estamos lendo cada vez menos, essa lógica dos 140 caracteres, do efêmero, faz com que o vício seja cada vez mais rasante e acabamos por não mergulhar a fundo nas coisas. Isso acaba refletindo em diversas profissões, só que no jornalismo - sobretudo o cultural, que além do texto trabalha o sensível, acaba se tornando rapidamente perceptível. Muitas vezes, vou ler uma entrevista que dei e fico completamente assustada com o que vejo: são muitas distorções e erros gramaticais. Obviamente que todo mundo não é assim, mas de um modo geral há uma crise muito profunda no jornalismo cultural. Além destes erros, as críticas não conseguem ser imparciais, estão sempre afetadas por bairrismos, o que para os artistas acaba não fazendo muito sentido. Eu falo para meus amigos jornalistas que é muito interessante quando você lê uma crítica sobre o seu trabalho e você pode crescer a partir daquilo, mesmo que seja negativa, porque você pode melhorar a partir do que foi dito. Hoje em dia é muito difícil encontrar isso, ou a crítica te detona no vazio, você não sabe nem porque a pessoa está te criticando, ou são mal feitas.

#### **17. Como você avalia a atuação de coletivos como o Fora do Eixo? E Salvador nessa perspectiva?**

Para mim o assunto Fora do Eixo é bastante controverso. Em termo de redes é uma das mais revolucionárias que já aconteceu para a música independente. Eles criaram um circuito imenso para que bandas e artistas pudessem circular o Brasil inteiro. Por outro lado, as críticas que a gente ouve são com relação às estruturas que o Fora do Eixo fornece para os artistas que estão participando. Dizem que eles se fortalecem como nome, mas possuem estruturas muito precárias para quem participa. Eu não sou muito envolvida com o Fora do Eixo, nunca participei de nada do circuito, então não sou a pessoa mais adequada para fazer esse tipo de julgamento ou emitir opiniões. Estou falando de coisas que eu ouço das pessoas, mas procuro estar sempre lendo algo sobre, para me manter informada. Mas vendo de longe, acho a ideia da rede muito interessante. A forma como eles lidam com os espaços culturais, as casas de show, movimentando artistas de diversas regiões, isso é muito interessante.

## **18. O que você pensa sobre a pretensa autossuficiência e/ou protagonismo da Bahia na área cultural?**

Somos um povo que se dilui facilmente, isso acaba por refletir nessa nossa autossuficiência e nesse ego inflado que temos, mas que faz parte da nossa cultura. Somos especiais, realmente. Eu sou uma baiana que caminha por essa linha, que sente as coisas desse modo. Porém, hoje, nesse mundo de conexões, é muito difícil pensar em autossuficiência produtiva. Nós trabalhamos em rede o tempo inteiro, acho que o mundo hoje é uma grande rede onde as pessoas se ligam de diversos modos. Quem viver nessa perspectiva do autossuficiente vai perder muita coisa. Esta pretensa autossuficiência baiana existe, mas percebo que há uma nova lógica que começa a se estabelecer por uma necessidade de um momento que o mundo passa, não apenas Bahia e Brasil. Aos poucos essa lógica tem sido deixada de lado e o baiano tem percebido a necessidade de se aliar para poder existir. Quanto ao protagonismo, faz parte de uma história, de todo um legado que foi deixado desde Dorival Caymmi, passando pelo Tropicalismo, Novos Baianos, até o Axé Music, todo esse legado foi muito importante para história da música brasileira. Então, por conta de tudo isso que foi produzido, a Bahia passou a ocupar um lugar muito importante e devemos ter um olhar especial para tudo isso.

## **19. Como surgiu a ideia de criar o projeto *Pipoca Moderna*?**

O Pipoca surgiu dessa ideia de conexão que eu falei. Quando me mudei para São Paulo conheci muitas pessoas e criei redes de relacionamento que para mim foram importantes como amadurecimento artístico. Eu pude desenvolver meu som, minha linguagem musical, minha formação humana a partir desses encontros todos. Então me veio a ideia de criar um projeto em que eu pudesse levar aos palcos um recorte do que foram esses reencontros em minha vida, por isso não é um show meu, e sim um show coletivo. Fiz a primeira edição com artistas da nova música brasileira, com as quais já tinha uma relação ou somente admirava, convidei Mariana Aydar (minha primeira amiga lá em São Paulo), Ana Cañas, Mayra Andrade, Rita Ribeiro (que eu já conhecia e admirava o trabalho), Tiê (que é minha vizinha), cantoras baianas que já são minhas amigas de longa data, como Marcela Bellas, Mariella Santiago, Claudia Cunha, Manuela Rodrigues, Sandra Simões. Eu queria levar essa rede que já se estabelecia na minha vida para o palco. Já a segunda edição do Pipoca foi mais arrojada, fizemos uma versão para o verão baiano, não sabíamos exatamente no que isso iria dar, mas o saldo foi positivo. A proposta era levar um pouco do que a gente gosta de fazer, independente de nossos trabalhos individuais, mas o que gostamos de fazer com a música e dentro do contexto verão baiano, ou seja, uma música leve pra dançar sem necessariamente tirar o pé do chão. Fiquei muito feliz porque a coisa aconteceu, a gente tinha a expectativa, mas ao mesmo tempo tinha dúvida de como seria a reação das pessoas, se elas iriam mesmo. Fizemos o show no Clube Fantoches, um lugar que não está no grande circuito, mas que é belíssimo e que tem toda uma tradição. E assim o Pipoca aconteceu, e aconteceu bonito, com certeza irá rolar em 2014 porque agora a ideia se ampliou, não pensamos mais em fazer o meu show e levar os convidados, mas a ideia é mostrar que é possível fazer um evento de música diversa,

extrapolando a fronteira da música baiana. O Pipoca mostrou isso para mim, para o público e para meus colegas que viram a coisa acontecer e que me apoiaram. Não só o Pipoca, mas o Verão Luis Caldas, os encontro de Mariella Santiago, os ensaios do Baiana System, foram eventos que tiveram um público interessantíssimo e que mostraram para todo mundo que é possível fazer uma música diferente, mesmo no verão. Acho que fica como incentivo para continuarmos com nossos projetos e para que outros aconteçam.

**\*Entrevista realizada por Elba Caroline e Milena dos Anjos, dia 14 de fevereiro de 2013, no Ciranda Café, Rio Vermelho-Salvador-Ba.**